Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de História

FLH0425 – Uma História para a Cidade de São Paulo: Um desafio Pedagógico

Antonia Terra de Calazans Fernandes

O crescimento do cinema na cidade de São Paulo

Salas do Centro x Salas de Bairro

Bruno Campos Conrado – nº USP: 6839160

Carina Regina Pestana Prado – nº USP: 6838919

O crescimento do cinema na cidade de São Paulo

Salas do Centro x Salas de Bairro

30/06/2010

INDICE

- O crescimento do cinema na cidade de São Paulo 1
- O Inicio 2
- A dicotomia 3
- A expansão e a Cinelândia 5
- A supremacia *multiplex* 7
- Considerações finais 9
- Proposta pedagógica 11
- Bibliografia 13
- Anexos 14

O CRESCIMENTO DO CINEMA NA CIDADE DE SÃO PAULO

“Quantos cinemas possui esta Paulicéia querida? Creio que o número oscila entre 3 a 4 dezenas. Um cinema para cada 20 mil pessoas...

Vão ser inaugurados novos: um todo *liró*, gracioso à rua Domingos de Morais, quase *vis-à-vis* ao Phénix; outro à Av. Tiradentes, que será fatalmente um quartel de uma nova espécie naquela via guerreira, outro ainda à Barra Funda, o Roma, nome para atrair uma multidão de patrióticos súditos de sua majestade Victor Emmanuel que moram nas vizinhanças; e o mais luxuoso e confortável, à rua São Bento. Este irá competir com o Triângulo. Ambos lutarão pela preferência do exército de "*picturers*" que, após o *'footing*', a pé ou em auto pelas ruas da cidade, dão a vida por uma fitinha.

Qual o mais simpático: o República ou o Santana? Quanto ao primeiro, dizem (os proprietários) ser o preferido da "elite" paulistana. Do segundo os proprietários dizem a mesma coisa ...

O Avenida é o mais ruidoso dos cinemas paulistanos: logo à entrada um *'jazz band'* bombardeia o sistema nervoso do público. Na sala de exibição que é úmida, mas bem mobiliada, acotovelam-se crianças, velhos, moços e senhores. Mas como são engraçadas as senhoras, os moços e os velhos do Avenida!

O Central é a antítese do seu colega da Av. São João. Como o Paraíso, é um cinema honesto e pacato. Freqüentam-no as meninas bem educadas dos Campos Elíseos e os velhos que sabem ser velhos.

O São Pedro, encravado na fronteira de dois bairros antagônicos - um é inimigo da gravata, outro usa sabonete Windsor - tem, por força da sua posição dois públicos. Representam-nos o 'Paschoal o bicheiro' (que resmunga contra a tirania do colarinho e a exorbitância do preço da cadeira) e a sra. Dona Maria Saudosa de Antanho, que usa "mitenes" negras e é avó de três deliciosas meninas-moças de cabelos compridos.

Outros cines existem com suas fisionomias próprias.

Cada um reflete o seu bairro, "a alma encantadora da rua" de que faz parte. Bonitos uns, feios outros, são todos, porém respeitáveis. Principalmente, os últimos, dentro dos quais o nosso povo esquece, seguindo as aventuras de um filme em séries, toda a série de desventuras que não são de celulóide”.

(Crônica de Jorge Martins Rodrigues publicada no *Diário da Noite* em 1927)

A crônica apresentada, escrita em 1927, descreve com glamour e imponência a situação da distribuição das salas de cinema na cidade de São Paulo da época. Mas a dicotomia entre salas do centro e salas de bairro não se deram ao acaso e não permanecem assim até hoje. A exibição cinematográfica na cidade está envolta em diversos processos e fatores que permitem a essa o título de maior metrópole do País.

O INÍCIO

Invenção dos irmãos Lumière em 1892, o cinematógrafo chega ao Brasil relativamente rápido. Antes de 1900, já eram feitas projeções em espetáculos teatrais, geralmente usando aparelhos importados da França. É difícil estabelecer uma data definida pro início da história da exibição na cidade, uma vez que somente depois dos anos 40 o cinema ganha o formato que conhecemos hoje, de atração autônoma. Até então, os "filmes" eram somente parte da diversão, costumavam participar de eventos teatrais ou outros espetáculos.

É conveniente lembrar que a São Paulo de 1890 conta com cerca de 65 mil habitantes e ainda é muito próxima de seu embrião rural. A "vida urbana" não ia muito longe do Triângulo Central, (referido na crônica do início apenas como *Triângulo*), que é constiuído pelos arredores da ruas Direita, São Bento e XV de Novembro. O ideal cosmopolita ainda estava se construindo e não havia saído do papel, porém o centro da cidade já se destacava pelos eventos elitistas e pelas feiras e festas populares, dualidade que começava a ganhar uma nova classe, a classe média, os operários das fábricas.

As duas primeiras décadas de 1900 restringem o cinema à elite, a quem pertencia o hábito de assistir um filme, um espetáculo de teatro ou dança e logo em seguida, participar do habitual baile. Esses eventos sociais do meio elitista regados de discussões políticas, criaram o embrião dos luxuosos cafés que estão por vir e que agregarão salas de cinema dali a algumas décadas. Porém, as feiras populares não ficam pra trás e espetáculos circenses e parques também tinham

suas exibições, embora de menor sucesso, fator que estudiosos entendem pelo fato do cinema ainda ser uma novidade estranhada pelas massas, acostumadas com poucas diversões eletrônicas.

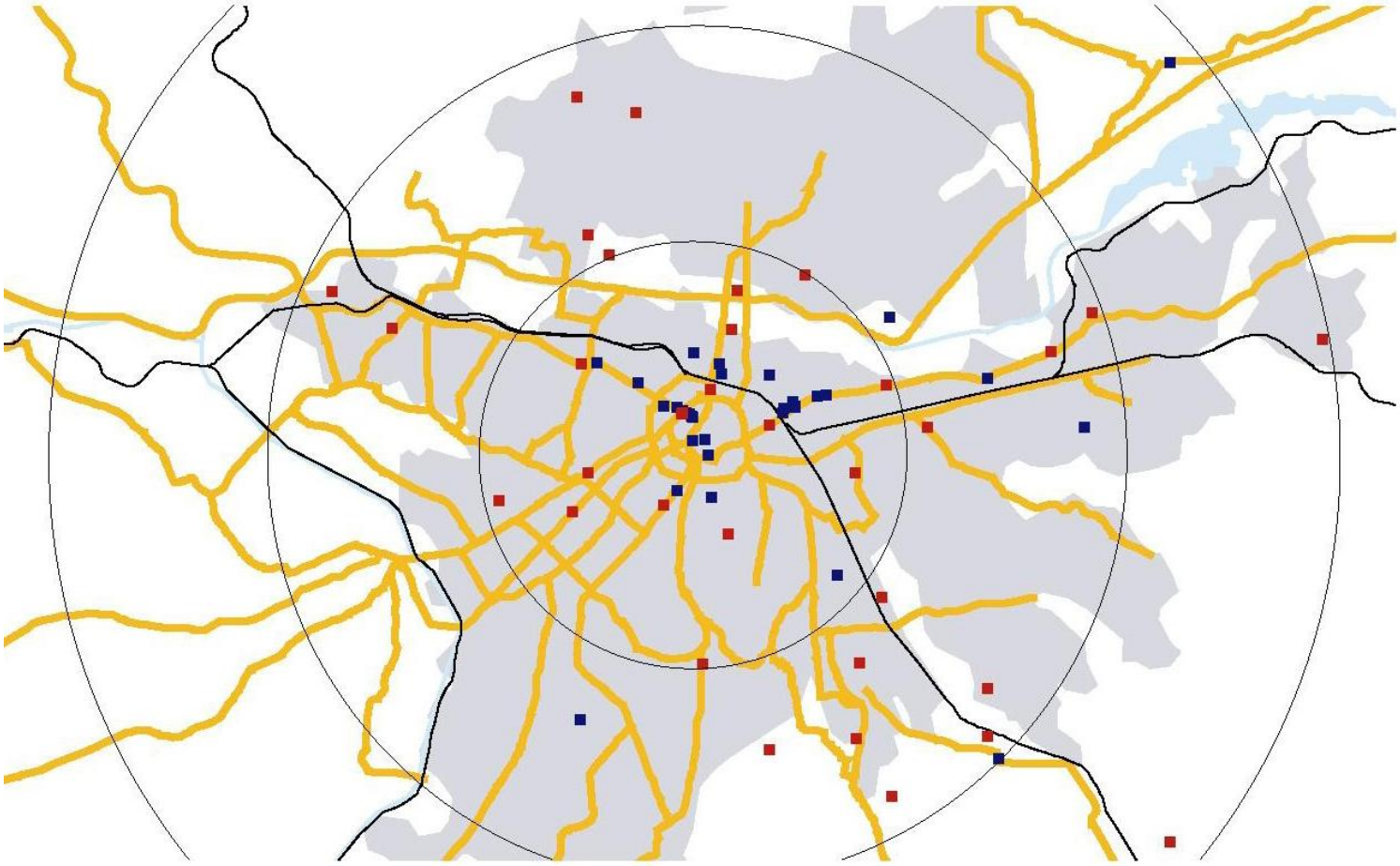
Na década de 20 a cidade passa a ter o visual que idealizava. As reformas nas ruas, que compreendem o alargamento das calçadas e a verticalização dos edifícios, refletem o crescimento vertiginoso da população na virada de século, que chegava (na década de 20) a mais de 500 mil habitantes. Nos meados de 1920, a revolução cinematográfica de Griffith deu aos filmes condições de contar histórias mais longas e concatenadas narrativamente, estabelecendo de vez o mercado cinematográfico. É nesta mesma época que irá se verificar a relação entre o crescimento da metrópole e a localização dos cinemas. Estes deixam de ser itinerários e passam a ter lugar próprio, mas ainda não um lugar definido na sociedade. A iluminação noturna das ruas é outro fator da melhoria urbana da época que observamos ter certa obediência à acessibilidade das salas de cinema, junto aos caminhos dos bondes que começam a ser instalados.

A DICOTOMIA

É então a partir dos anos 20, com a popularização do cinema e a constante evolução urbana que a nascente classe média ganha seu espaço nesse entretenimento em velhos galpões perto de centros industriais, como no Brás e na Mooca. São os conhecidos “cinemas de bairro”, que entram em contraste com os cinemas do centro, cada vez mais luxuosos. Esses ficam conhecidos como “lançadores”, as estréias voltam a serem eventos grandiosos, com convites restritos e muito glamour. Resta aos cinemas mais afastados o título de “repetidores”, pois recebiam as películas em atraso. Porém, nota-se em ambas as classes um enorme aumento na freqüência nas salas de cinema, tornando-se um programa familiar, o que traz as preocupações morais quanto ao conteúdo dos filmes, há, inclusive, um aumento na feminilização das salas,que eram até então, locais de reuniões masculinas. Esse aumento da presença feminina e de familias

nas salas de cinema influenciam diretamente em sua arquitetura, com a necessidade urgente da ampliação e melhoria das mesmas, inclusive no que diz respeito ao conforto oferecido pelos exibidores.

Porém a dualidade entre os grandes galpões empoeirados em meios industriais e salas opulentas no Centro não é só arquitetônica, mas também social. Críticos da época como Adhemar Gonzaga e Gabus Mendes, eram a favor de ampliar a freqüência aos cinemas, mas eram contra uma massificação da arte. Bons filmes não deviam ser destinados a lugares que eles identificavam como secundários: bairros operários e de imigrantes, assim como as cidades do interior. Nesses lugares o público, segundo eles, era ignorante. A opinião de tais críticos não impede o espraiamento das salas de cinema, que não se concentram mais apenas no centro, como vemos no mapa abaixo:



Mapa 10 - Cinemas em São Paulo entre 1940 e 1949

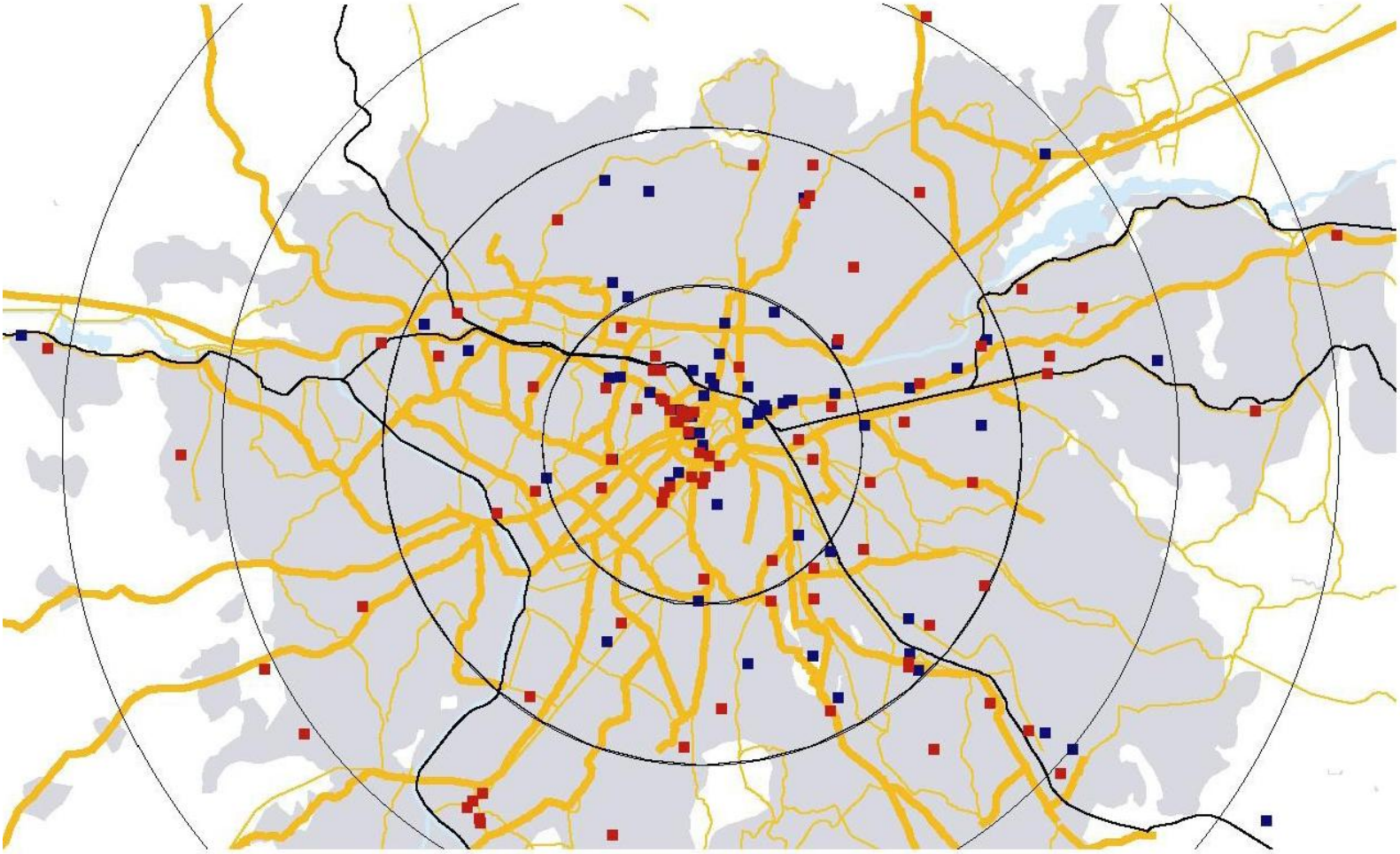
Raio de 5 km a partir da Sé
Mancha urbana 1949

Fontes:
Vias principais e ferrovias - PUB, 1968
Mancha urbana 1949 - EMPLASA
Cinemas - Simões, 1990; Depto. de Pesquisas Econômicas, 1960

Cinemas já existentes
Cinemas inaugurados nessa data
Bondes 1929
Viário Principal 1968
Ferrovias 1968
Rios

A EXPANSÃO E A *CINELÂNDIA*

Na década seguinte, com o fim da Segunda Guerra Mundial, a produção americana tem mais um estouro de produção e os investimentos na abertura de novas salas na capital não fica pra trás. Desde a chegada ao País, é na transição entre 40 e 50 que há um estouro nas inaugurações de novas salas, que chegam a triplicam. A aparência das salas já são bem mais próximas as atuais e alguns cinemas, como o Marabá e o Gemini, passaram por reformas, e ainda estão em funcionamento atualmente. No mapa a baixo é possível observar a densidade das inaugurações e visualizar não só o aumento das salas centrais como também em bairro, ambos os casos em grande número, como já observado:



Mapa 11 - Cinemas em São Paulo entre 1950 e 1959

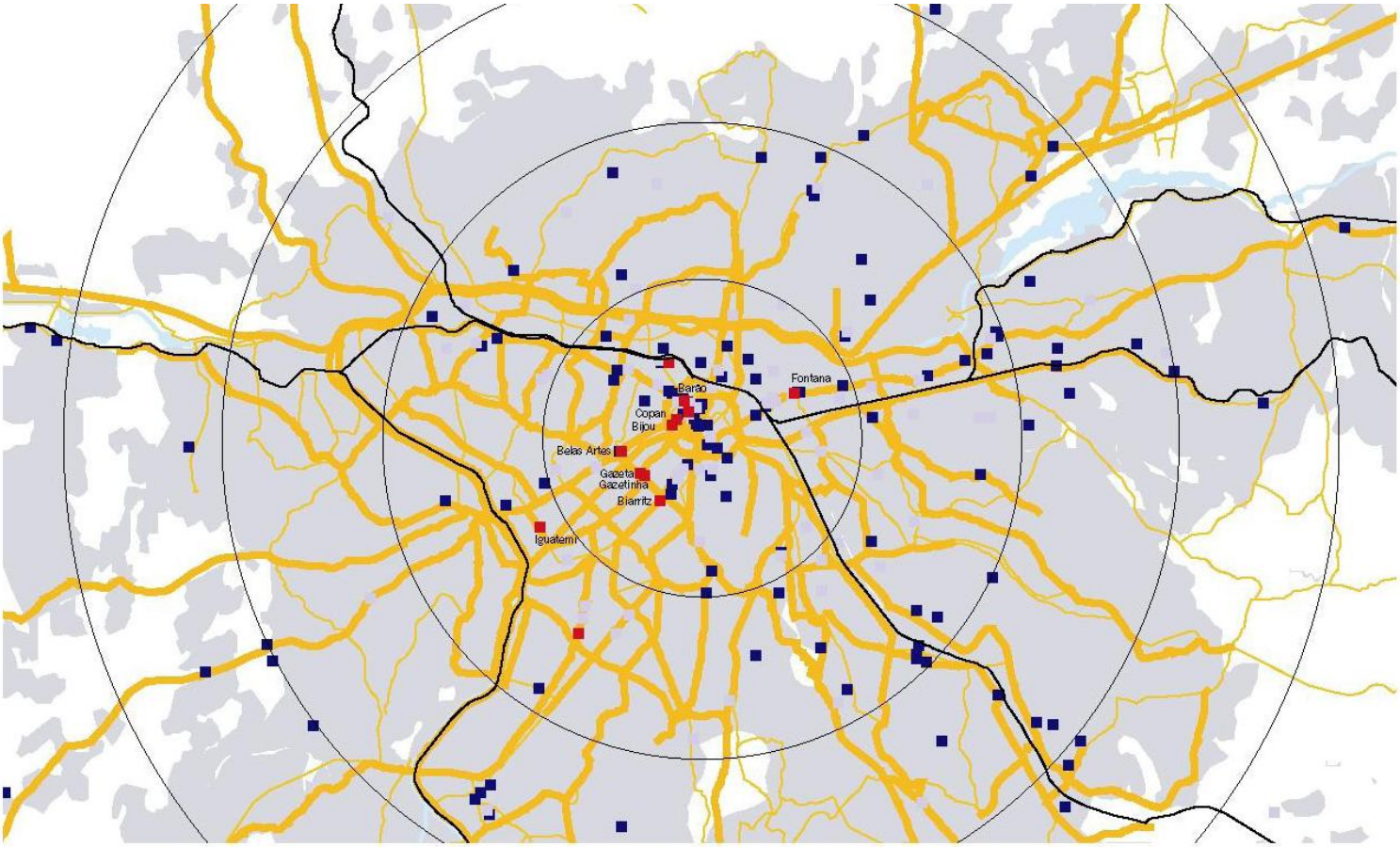
Raio de 5 km a partir da Sé

Cinemas já existentes
Cinemas inaugurados nessa data
Viário Principal 1968
Ferrovias 1968
Rios
Mancha urbana 1962

Fontes:
Vias principais e ferrovias - PUB, 1968
Mancha urbana 1962 - EMPLASA
Cinemas - Simões, 1990; Depto. de Pesquisas Econômicas, 1960

Esse crescimento espantoso não é só no número de salas, mas a década também celebra avanços tecnológicos como a chegada das maiores telas do mundo e tecnologia de terceira dimensão (conhecido como Cinema 3D). As salas "lançadoras" agora têm estruturas quase palaciais além de salas temáticas. Todas essas inovações torna conhecido o nome de Cinelândia Paulistana, quando não temos mais divisões tão gritantes entres salas de bairro e de centro. Por 20 anos, o cinema paulista encontra seu ápice. Nunca antes as salas recebiam público tão numeroso, reformas tornam as entradas cada vez mais imponentes que tomam a calçada e o cinema finalmente é um programa familiar, de elite e de classe média. Os críticos como Gonzaga e Gabus finalmente podem ver concretamente o que planejaram, um cinema com público freqüente e em alto número, mas não mais marginalizado e feito em fundos de galpões.

O crescimento do cinema, obviamente, acompanha o crescimento constante da cidade. Porém, em ritmos diferentes e eventualmente, o cinema não pode mais alcançar tal a grandeza de São Paulo. Entram em ação nas décadas de 60 e 70 os planos de definição do Centro Novo e reformas ainda mais modernizadoras. Junto com uma mudança de hábitos dos moradores paulistas, as salas de bairro vão perdendo lugar na gigante metrópole. Veja mapa 15:



Mapa 15 - Cinemas em São Paulo entre 1960 e 1969

Pode-se notar nesse mapa um grande fechamento de salas nos bairros e a inauguração de algumas salas em galerias no Centro, ao longo do eixo da avenida Paulista e na avenida Faria Lima, dentro do Shopping Iguatemi.

Raio de 5 km a partir da Sé
Mancha urbana 1974

Cinemas já existentes
Cinemas inaugurados nessa data
Cinemas fechados até 1969

Fontes:
Vias principais e ferrovias - PUB, 1968
Mancha urbana 1974 - EMPLASA
Cinemas - Simões, 1990; Depto. de Pesquisas Econômicas, 1960

Viário Principal 1968
Ferrovias 1968
Rios

Pode-se notar nesse mapa um grande fechamento de salas de bairro e a inauguração de algumas salas em galerias no Centro, ao longo do eixo da Avenida Paulista e na avenida Faria Lima, e dentro do Shopping Iguatemi.

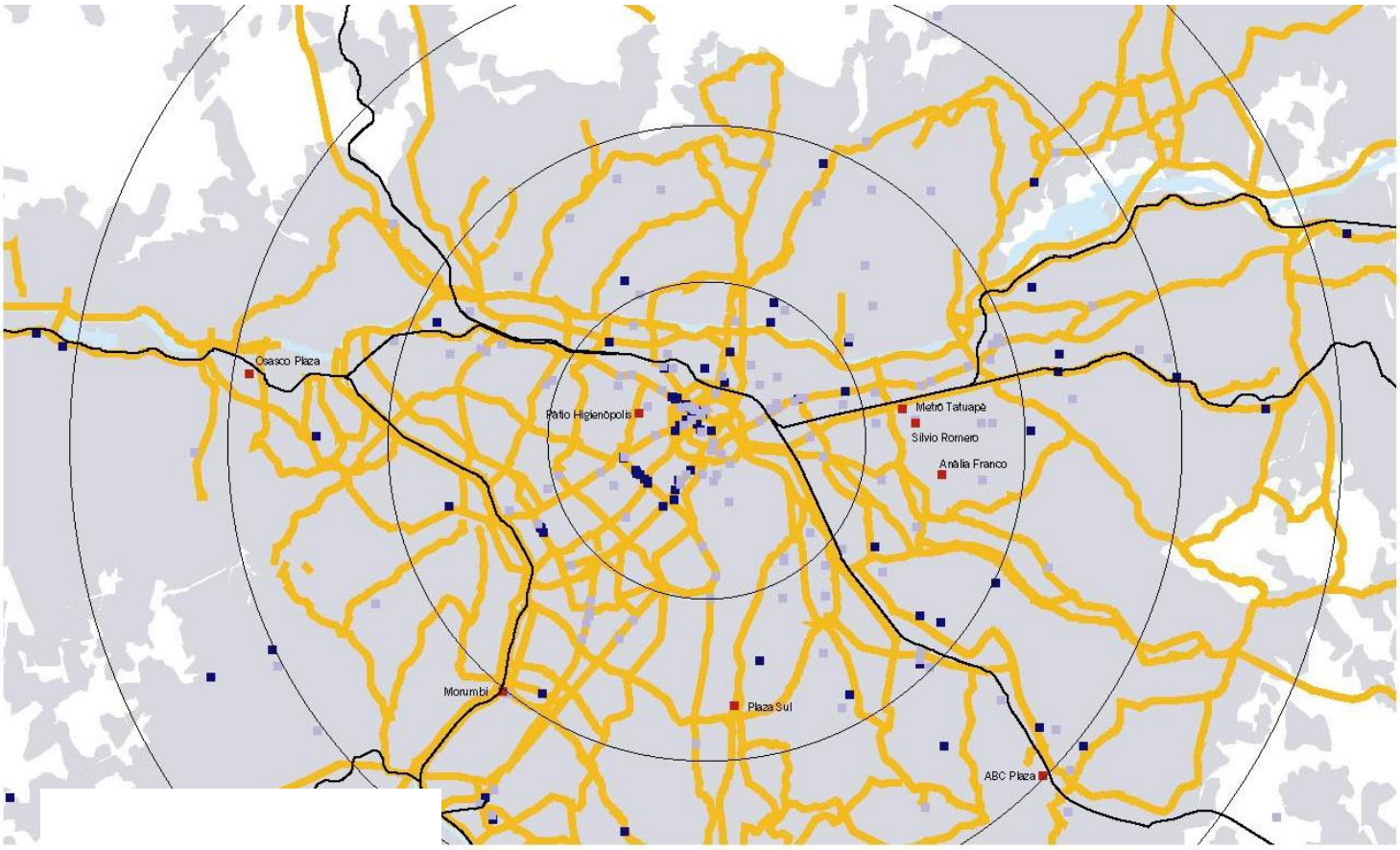
A SUPREMACIA MULTIPLEX

Entre 1970 e 1985, as grandes salas de rua passam por uma devastadora especulação imobiliária que assola o país e a exibição de filmes, o cinema, na cidade passa por uma transformação definitiva. As grandes e tradicionais salas

que não fecham, ironicamente, viram cinemas eróticos ou igrejas evangélicas. O Centro Velho vê os tradicionais Dom José e Central virarem projetoras de filmes adultos de baixa renda e as salas de bairro, como a Tóquio (marca registrada de filmes japoneses para imigrantes) na Liberdade vira igreja evangélica.

Enquanto isso, se expandem pela cidade a supremacia *multiplex* que substitui a maioria das salas de rua por salas em shoppings, motivo de revolta para o público mais tradicional, que vê suas próprias salas *cults* rendidas aos grandes nomes do ramo. Ainda que salas como o Belas Artes, na Consolação e o Espaço de Cinema, na Augusta, sobrevivam, só o fazem devido ao vínculo com projetos culturais dos bancos HSBC[1] e Unibanco, respectivamente. Obviamente, enquanto isso resta aos Shopping Centers, que reúnem "toda a diversão" em um só lugar, abrigarem cinemas agora estilizados, porém que perdem todo o ar clássico de hábito cinéfilo e volta a ser, assim como era na sua origem, apenas parte da atração da população paulista, que em sua maioria não conhece clubes de cinema e filmes alternativos. Veja mapa final, onde estão os Shopping Centers e cineclubes isolados:

[1] Atualmente, o Belas Artes vive, depois de tantos anos, o perigo de fechamento, o patrocínio do HSBC foi finalizado em 31 de março de 2010, o cinema está em busca de novos patrocinadores, caso ao encontre, poderá fechar.



Mapa 18 - Cinemas em São Paulo entre 1990 e 2000

salas abertas está em *shoppings centers*.

Raio de 5 km a partir da Sé
Mancha urbana 1992
Cinemas já existentes
Cinemas inaugurados nessa data
Cinemas fechados até 1990
Viário Principal 2001
Ferrovias 2001
Rios

Fontes:
Vias principais e ferrovias - LUME, 2001;
Mancha urbana 1992 - EMPLASA;
Cinemas - Simões, 1990;
Depto. de Pesquisas Econômicas, 1960

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do cinema na cidade de São Paulo acompanha seu crescimento até o momento em que é engolida por ele. Passa por elitização, massificação, torna a ser seletivo e novamente retorna ao público geral. E, de maneira quase didática, em termos gerais o cinema em São Paulo tem mudanças significativas de 20 em 20 anos. De 1900 a 1920, acompanhamos seu surgimento e estabelecimento na elite. De 1920 a 1940, temos a separação entre “lançadoras” e “repetidoras” que dividem também o público. De 1940 a 1960, temos o ápice do cinema em São Paulo. De 1960 a 1980, entra em crise por não alcançar o

crescimento da cidade. E, por fim, de 1980 até os anos 2000, surge a supremacia do *multiplex* e as salas são aprisionadas em grandes galerias e Shoppings.

Por fim, não podemos esquecer que o nascimento do cinema evoca o hábito e maneiras especializadas de, não só assistir filmes, mas do ato de ir ao cinema e prestigiar a arte. Assim, o cinema em São Paulo deve ser hoje, referencia como era na crônica de 1927 que abriu esse trabalho.

PROPOSTA PEDAGÓGICA

Parte 1: Análise de Mapas.

Apresentar os Mapas 10, 11, 15, 16, 17 e 18 aos alunos (sem as legendas explicativas localizadas no lado direito da folha) para, em grupos, fazem sua análise a partir das seguintes perguntas:

- ✓ Qual o tema central dos mapas?
- ✓ Que análise sobre o tema você consegue fazer partir da observação dos mapas? Quais são as diferenças e semelhanças entre os mapas e que conclusões você pode tirar?

Espera-se que o aluno observe principalmente:

- Mapa 10: os cinemas abertos nesta década estão mais afastados na zona central, mais próximos então, dos bairros, enquanto os já existentes estão concentrados no centro da cidade.

- Mapa 11: É grande a quantidade de cinemas inaugurados na área central, mas as salas de bairro aumentam bastante; crescimento da mancha urbana.

- Mapa 15: Aumento da mancha urbana; Fechamento de cinemas principalmente nos bairros e inauguração de cinemas em galerias.

- Mapa 16: O numero de cinemas abertos é mínimo, e os que abrem estão nas galerias ou shoppings; grande parte dos cinemas, tanto nos bairros como no centro, são fechados, salas de cinema nos bairros estão mais raras.

- Mapa 17 e 18: O processo de fechamento das salas de cinema continua tanto nos bairros quanto no centro, ao passo que elas aumentam expressivamente nos *shoppings centers* (observável em especial no mapa 17, no 18 o processo se repete, só que com menor intensidade)

- A proximidade das salas de cinema do sistema viário principal é notável desde o mapa 10.

<u>Os mapas completos estão em anexo.</u>

Parte 2:

A) Depois de apresentados aos alunos o conteúdo da aula, propor aos alunos que verifiquem a veracidade do que foi dito:

- ✓ Cada aluno deve percorrer seu bairro em busca de salas de cinema, ou do que teriam sido salas de cinema, verificando sua atual função (se ainda exibem filmes, de qual tipo? Viraram igreja? Foram demolidos?). Os alunos devem trazer fotos antigas (que podem ser achadas na internet) e fotos tiradas por eles mesmos da função atual dos locais.

B) Pedir aos alunos que reflitam sobre seus hábitos ao irem ao cinema:

- ✓ Onde está o cinema que você frequenta? (Dentro de shoppings? Dentro de galerias? No meio do bairro? No centro?)
- ✓ Você vai ao shopping <u>apenas</u> para ir ao cinema ou você faz refeições, compras, etc, também?

C) Fazer quadros comparativos com as imagens trazidas e com os elementos discutidos na questão <u>B</u>.

D) Para finalizar o trabalho com cinema a escola pode organizar com os alunos um passeio para os cinemas como o Belas Artes, na Av. Consolação e o Espaço de Cinema, na Rua Augusta, apresentando aos alunos a idéia de ir ao cinema por si só, de ser, ou ter sido o cinema, a diversão por inteiro.

BIBLIOGRAFIA

- ✓ **SANTORO, Paula Freire –** A Relação da Sala de Cinema com o Espaço Urbano em São Paulo: Do Provinciano ao Cosmopolita (XI Encontro Nacional de Planejamento Urbano e Regional, 2005, Salvador/BA.)

- ✓ **GATTI, André Piero -** A Exibição Cinematográfica: Ontem, Hoje e Amanhã. (Centro Cultural São Paulo, 2008, São Paulo/SP)

- ✓ **SCHVARZMAN, Sheila –** Ir ao Cinema nos Anos 20 (Revista Brasileira de História, vol. 25, nº 49, 2005, Campinas/SP)

- ✓ SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano – São Paulo e pobreza (1980 – 1915).* São Paulo: Fapesp/Annablume, 2003, p. 33.

- ✓ http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/1890.php [2]

- ✓ http://www2.hsbc.com.br/hs/quem_somos/cultural/hsbc_belas_artes.shtml

[2] A prefeitura de São Paulo disponibiliza, em seu site, o Histórico demográfico do município.

ANEXOS